

O Brasil e o comércio internacional agrícola

Ivan Tiago Machado de Oliveira

O desgaste e a conseqüente crise do modelo de substituição de importações, durante as décadas de 1970 e 1980, levaram o Brasil, desde o início dos anos 1990, a abrir sua economia para o mundo tanto no campo comercial quanto financeiro. Tal abertura buscava uma saída para a crise que o país vivia, com altíssimas taxas de inflação e pífio crescimento econômico. Com a redução das barreiras às importações no Brasil, ocorreu um aumento da concorrência em diversos segmentos da economia brasileira, o que acabou por engendrar a falência de algumas empresas, por um lado, e o fortalecimento de outras tantas, por outro.

O Plano Real, lançado em 1994, veio pôr fim a um período de altas taxas de inflação em que vivia a economia do Brasil por meio do mecanismo de valorização cambial. Contudo, se a inflação ficou sob controle, o prometido crescimento econômico não apareceu de forma sustentada. Ademais, com o Real supervalorizado nos primeiros anos do Plano, as exportações, variável importante para que o país iniciasse um processo de inserção ativa no contexto internacional de crescente interdependência econômico-comercial, acabaram não crescendo num ritmo mais forte. Como as importações, variável-chave do Plano para redu-

zir a inflação, cresceram de forma expressiva, o que se viu foi a geração de déficits comerciais desde 1995 até 2000.

Em 1999, com a crise cambial, houve uma inflexão na relação entre o crescimento das exportações e o das importações. A partir de então, as exportações passaram a apresentar um ritmo mais acelerado de crescimento, com taxas muito altas entre os anos 2002 e 2005 (a média de crescimento das exportações no triênio 2003-05 ficou acima de 25% ao ano). Já as importações, embora tenham apresentado queda nos anos de 2001 e 2002, também cresceram nos últimos três anos (a média do crescimento no último triênio foi de 17%). Assim, mesmo com o aumento das importações, o saldo do balanço comercial veio crescendo e chegou ao patamar recorde de quase US\$ 45 bilhões, em 2005, representando cerca de 5,6% do PIB, como se observa nos Quadros 1 e 2.

O Quadro 2 nos dá um panorama geral do setor externo brasileiro, desde 1990 até 2005, por meio da participação percentual das variáveis externas em relação ao PIB da economia brasileira. Como se pode ver, a participação das exportações no PIB cresceu no período anterior ao início do Plano Real, tendo caído e se estabilizado em torno de 6,5% entre os anos 1995 e 1998. A partir de 1999, a participação das exportações no PIB brasileiro iniciou um período de crescimento importante, alcançando a marca de 16% do PIB em 2004. No que concerne às importações, sua participação como percentual do PIB apresenta uma clara tendência de crescimento sustentado ao longo de todo o período de análise, não obstante ocorram quedas relativas

Ivan Tiago Machado de Oliveira é economista pela UFBA, mestrando em Administração pelo NPGA/UFBA e pesquisador do Laboratório de Análise Política Mundial (LABMUNDO) da mesma instituição.

em determinados anos. Em 1990, as importações representavam 4,4% do PIB, cinco anos depois, 7,1%, e dez anos após, 9,3% do PIB. Em 2001, o total importado atinge seu ponto mais alto como percentagem do PIB, 10,9%. É importante aqui ressaltar os efeitos das variações cambiais ao longo do período analisado sobre as variáveis relativas ao comércio exterior brasileiro. Se observamos os dez anos que vão da implantação do Plano Real até 2004, veremos que, num primeiro período, o Real manteve-se valorizado, impactando negativamente a variação das exportações brasileiras. A partir de 1999, com a crise cambial e a conseqüente desvalorização da moeda brasileira, observou-se uma tendência de crescente desvalorização do Real, o que teve impactos importantes no incremento do total exportado pela economia brasileira, como observado no quadro.

A corrente de comércio (exportações + importações) passou de uma participação em relação ao PIB de 11,1%, em 1990, para 18,4%, em 2000, e 26,3% em 2004. Destarte, é importante observar que, com a abertura comercial, as transações do Brasil com o mundo vieram a se expandir, inserindo-o no cenário internacional de crescente interdependência econômico-comercial, a qual traz consigo, concomitantemente, desafios e oportunidades. Todavia, vale frisar que a participação do comércio exterior na formação do PIB do Brasil ainda permanece abaixo da média de muitos países em desenvolvimento, os quais, por sinal, vêm crescendo a taxas mais significativas do que aquelas apresentadas pela economia brasileira nas últimas décadas, como bem apresentado por Almeida (2003).

A partir da análise das trajetórias de crescimento das exportações e das importações, podemos observar que o balanço comercial, que já apresentou um déficit de 0,8% do PIB nos anos de 1997 e 1998, representou 5,6% do PIB em 2004 e 2005. Por conseguinte, a melhora substancial no balanço comercial, sustentada basicamente pelo incremento expressivo das exportações, trouxe consigo uma redução do déficit em conta corrente, chegando até mesmo a gerar superávits em conta corrente a partir de 2003.

Os bons ventos externos advindos do crescimento surpreendente da economia mundial nos últimos anos, tendo a China e os EUA como locomotivas, juntamente com mudanças que vinham tomando corpo em vários setores da economia brasileira durante a última década e taxas cambiais relativamente depreciadas, resultaram nos excelentes

Quadro 1

Balança comercial brasileira, 1990-2005

Em US\$ milhões

| Ano | Exportações | Importações | Saldo |
|------|-------------|-------------|---------|
| 1990 | 31.414 | 20.661 | 10.752 |
| 1991 | 31.620 | 21.041 | 10.580 |
| 1992 | 35.793 | 20.554 | 15.239 |
| 1993 | 38.555 | 25.256 | 13.299 |
| 1994 | 43.545 | 33.079 | 10.466 |
| 1995 | 46.506 | 49.970 | (3.466) |
| 1996 | 47.747 | 53.346 | (5.599) |
| 1997 | 52.994 | 59.842 | (6.753) |
| 1998 | 51.140 | 57.714 | (6.575) |
| 1999 | 48.011 | 49.210 | (1.199) |
| 2000 | 55.086 | 55.783 | (698) |
| 2001 | 58.223 | 55.572 | 2.650 |
| 2002 | 60.362 | 47.240 | 13.121 |
| 2003 | 73.084 | 48.290 | 24.794 |
| 2004 | 96.475 | 62.835 | 33.641 |
| 2005 | 118.308 | 73.560 | 44.748 |

Fonte: Banco Central

números observados nas contas externas do país nos últimos anos. Com isso, os principais indicadores de vulnerabilidade da economia brasileira apresentaram melhorias nada desprezíveis, como demonstrado no Quadro 3.

Ao se analisar os índices de vulnerabilidade externa da economia brasileira entre os anos de 1990 e 2005, fica evidente que, após um período com tendência de piora nos mesmos devido ao aumento do endividamento externo e aos resultados medíocres do setor externo nos anos que seguiram o lançamento do Plano Real, o aumento significativo das exportações, nos últimos anos, somado a uma redução do passivo externo brasileiro, acabou por gerar os melhores índices de vulnerabilidade externa das últimas décadas. A relação entre a dívida total e o PIB alcançou, em 2005, o menor patamar no período em análise, 21,4%, sendo que o índice que apresenta a dívida total líquida como percentual do PIB ficou em 12,8% (valor substancialmente menor do que o observado em 2002, por exemplo, quando tal índice foi de 35,9%). Já a razão dívida total sobre exportações, após chegar a 4,7 em 1999, veio se reduzindo até o 2005, quando ficou em 1,4. Vale lembrar que, se for considerada somente a dívida total líquida sobre o valor das exportações, a razão foi, em 2005, de 0,9, ou seja, menos de um ano de exportações seria suficiente para se pagar todo o passivo externo líquido do país no ano em questão. No que diz respeito à relação reservas internacionais/dívida total, o aumento nas reservas, nos últimos anos, levou tal

Quadro 2

Comércio, transações correntes e PIB, 1990-2005

Em % do PIB

| Ano | Exportações | Importações | Saldo | Corrente de comércio | Transações correntes |
|------|-------------|-------------|-------|----------------------|----------------------|
| 1990 | 6,7 | 4,4 | 2,3 | 11,1 | -0,8 |
| 1991 | 7,8 | 5,2 | 2,6 | 13,0 | -0,4 |
| 1992 | 9,2 | 5,3 | 3,9 | 14,6 | 1,6 |
| 1993 | 9,0 | 5,9 | 3,1 | 14,9 | -0,2 |
| 1994 | 8,0 | 6,1 | 1,9 | 14,1 | -0,3 |
| 1995 | 6,6 | 7,1 | -0,5 | 13,7 | -2,6 |
| 1996 | 6,2 | 6,9 | -0,7 | 13,0 | -3,0 |
| 1997 | 6,6 | 7,4 | -0,8 | 14,0 | -3,8 |
| 1998 | 6,5 | 7,3 | -0,8 | 13,8 | -4,2 |
| 1999 | 9,0 | 9,2 | -0,2 | 18,1 | -4,7 |
| 2000 | 9,2 | 9,3 | -0,1 | 18,4 | -4,0 |
| 2001 | 11,4 | 10,9 | 0,5 | 22,3 | -4,6 |
| 2002 | 13,1 | 10,3 | 2,9 | 23,4 | -1,7 |
| 2003 | 14,4 | 9,5 | 4,9 | 24,0 | 0,8 |
| 2004 | 16,0 | 10,4 | 5,6 | 26,3 | 1,9 |
| 2005 | 14,9 | 9,2 | 5,6 | 24,1 | 1,8 |

Fonte: Banco Central

indicador ao patamar de 31,7%, praticamente o dobro daquele observado em 1999, quando ocorreu a última grave crise cambial brasileira.

O agronegócio e o comércio exterior do Brasil

Tendo sido realizada essa breve e geral apresentação do setor externo brasileiro nos últimos 15 anos, vamos agora analisar a participação do setor agropecuário no quadro geral do comércio exterior brasileiro, apresentando o seu desenvolvimento durante a última década e sua importância na geração das melhorias do setor externo brasileiro nos últimos anos. Antes, entretanto, é de grande relevância esclarecer alguns conceitos que estarão presentes de forma constante no decorrer da presente seção.

Uma primeira observação a ser feita diz respeito ao controverso conceito de *agronegócio*. Utilizaremos o termo para fazer referência a todos os produtos que se originam do setor agropecuário, isto é, todos os artigos cuja matéria-prima empregada tenha origem agropecuária serão abarcados pelo conceito, independente do nível de agregação de valor que possa ser atribuído aos mesmos na cadeia produtiva. Esse conceito corresponde àquele usado pelos órgãos oficiais responsáveis pelas estatísticas relacionadas ao comércio exterior brasileiro, como a SECEX/MDIC e o MAPA. Ademais, vale notar que o conceito de *agricultura* utilizado pela OMC engloba tanto produtos agrícolas, *stricto sensu*, quanto carnes, frutas, sucos, óleos e outros

produtos de origem agropecuária. Portanto, tal conceito se aproxima, até certo ponto, do conceito de *agronegócio* que faremos uso neste trabalho, não obstante existam sutis diferenças entre as duas classificações. De toda forma, há que ficar claro que tais diferenças serão aqui desconsideradas, sendo, pois, feita referência tanto ao comércio agrícola quanto ao agronegócio como sinônimos quase perfeitos. Qualquer referência, numa perspectiva de menor agregação, será realizada citando-se o produto, ou grupo de produtos, de forma específica.

Uma primeira aproximação relacionada à importância do comércio agrícola para o setor externo brasileiro passa, necessariamente, pela análise da pauta de exportações do país, observando-se como os produtos ligados ao setor agropecuário aparecem na mesma. O Quadro 4 nos apresenta os vinte principais produtos exportados pela economia Brasileira nos anos selecionados.

Como é possível vislumbrar, não obstante diversos produtos industriais de média e alta tecnologia tenham presença importante na pauta exportadora brasileira, como aviões e automóveis, dentre outros, os produtos ligados ao agronegócio aparecem de forma relevante entre os vinte principais produtos da pauta de exportações. A soja, mesmo triturada, representou, em 2005, 4,52% do total exportado pelo Brasil, tendo os farelos e resíduos de extração de óleo de soja representado 2,42% do total. Além disso, o complexo carne vem aumentando sua participação de for-

Quadro 3

Indicadores de vulnerabilidade externa, 1990-2005

| Ano | Serviço da dívida/ exportações (em %) | Dívida total/ PIB (em %) | Dívida total líquida/PIB (em %) | Reservas (liquidez)/ dívida total (em %) | Dívida total/ exportações (razão) | Dívida total líquida/ exportações (razão) |
|------|---|--------------------------------|---------------------------------------|--|---|---|
| 1990 | 65,1 | 26,3 | 22,3 | 8,1 | 3,9 | 3,3 |
| 1991 | 56,1 | 30,5 | 26,6 | 7,6 | 3,9 | 3,4 |
| 1992 | 47,7 | 35,1 | 25,7 | 17,5 | 3,8 | 2,8 |
| 1993 | 47,4 | 32,2 | 21,2 | 23,3 | 3,6 | 2,4 |
| 1994 | 38,2 | 26,3 | 15,3 | 27,1 | 3,3 | 1,9 |
| 1995 | 44,5 | 21,7 | 12,2 | 33,9 | 3,3 | 1,9 |
| 1996 | 54,7 | 22,3 | 12,1 | 34,7 | 3,6 | 2,0 |
| 1997 | 72,6 | 23,7 | 15,2 | 27,2 | 3,6 | 2,3 |
| 1998 | 87,4 | 28,4 | 20,9 | 19,9 | 4,4 | 3,2 |
| 1999 | 126,5 | 42,0 | 32,5 | 16,1 | 4,7 | 3,6 |
| 2000 | 88,6 | 36,0 | 28,4 | 15,2 | 3,9 | 3,1 |
| 2001 | 84,9 | 41,2 | 31,9 | 17,1 | 3,6 | 2,8 |
| 2002 | 82,7 | 45,9 | 35,9 | 18,0 | 3,5 | 2,7 |
| 2003 | 72,5 | 42,4 | 29,8 | 22,9 | 2,9 | 2,1 |
| 2004 | 53,8 | 33,3 | 22,5 | 26,3 | 2,1 | 1,4 |
| 2005 | 56,0 | 21,4 | 12,8 | 31,7 | 1,4 | 0,9 |

Fonte: Banco Central

ma sustentada no total das exportações brasileiras, como observado com a participação crescente de carne de frango (de 1,44%, em 1998, para 2,81% em 2005) e carne bovina (de 0,54%, em 1998, para 2,04% em 2005). Outros produtos (entre eles: café, açúcar e fumo) completam a participação do agronegócio entre os vinte principais da pauta de exportação brasileira.

Para que se possa melhor entender o desenvolvimento do comércio agrícola brasileiro e sua interface com os bons resultados do setor externo brasileiro nos últimos anos, cabe aqui avaliar, numa perspectiva temporal mais estendida, como a dinâmica do agronegócio vem tomando corpo, identificando-se os fatores que engendraram tal desenvolvimento. Com esse intuito, apresentaremos, a seguir, informações acerca do perfil exportador agrícola brasileiro na última década e meia.

Na década de 1990, uma verdadeira “revolução” ocorreu no campo brasileiro. O setor agropecuário, o qual na década de 1980 apresentou problemas produtivos importantes, iniciou um processo de reestruturação, com aumento de investimentos (em parte devido à entrada de grandes transnacionais no agronegócio brasileiro), uso de novas tecnologias, expansão da fronteira agrícola, liberalização comercial e suporte em pesquisa por organismos como a Embrapa. Tal “revolução” agrícola trouxe consigo o au-

mento significativo da produtividade do setor na década passada, impulsionando, conseqüentemente, a exportação de uma parcela expressiva da produção, tendo por base o aumento nos níveis de competitividade internacional do agronegócio brasileiro.

Como demonstrado no Gráfico 1, mesmo durante o período de grande valorização do Real, de 1994 a 1999, as exportações agrícolas apresentaram uma leve tendência de crescimento. De 1999 a 2002, as exportações cresceram de forma continuada, sendo que, a partir de 2002, um verdadeiro *boom* de crescimento das vendas externas agrícolas vem acontecendo, devido, em certa medida, ao crescimento estrondoso da economia chinesa nos últimos anos, conjugado à competitividade internacional alargada do setor. As importações do agronegócio, por sua vez, aumentaram num primeiro momento (até 1996) e, em seguida, voltaram a cair e se estabilizaram em torno de US\$ 5 bilhões por ano até 2005.

Vale frisar que o Balanço Comercial Agrícola (BCA) registrou superávits seguidos na última década e meia. A partir de 1991, tais resultados positivos tenderam a crescer, embora ainda de forma relativamente tímida até o ano de 2000. A partir de então, como resultado da grande e crescente diferença entre os números apresentados pelas exportações e as importações agrícolas, o BCA segue a

Quadro 4

Pauta de exportação brasileira

Em % do total de exportações

| Produtos | 1998 | 2000 | 2002 | 2005 |
|---|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Minérios de ferro e seus concentrados (b) | 6,36 | 5,53 | 5,05 | 6,17 |
| Soja, mesmo triturada (b) | 4,56 | 3,97 | 5,02 | 4,52 |
| Automóveis de passageiros (m) | 3,17 | 3,21 | 3,32 | 3,72 |
| Óleos brutos de petróleo (b) | — | — | 2,80 | 3,52 |
| Carne de frango congelada, fresca ou refrigerada incluindo miúdos (b) | 1,44 | 1,46 | 2,21 | 2,81 |
| Aviões (m) | 2,27 | 5,54 | 3,87 | 2,68 |
| Farelo e resíduos da extração de óleo de soja (b) | 3,42 | 3,00 | 3,64 | 2,42 |
| Aparelhos transmissores ou receptores e componentes (m) | — | 2,97 | 2,95 | 2,31 |
| Café cru em grão (b) | 4,64 | 2,83 | 1,98 | 2,13 |
| Partes e peças para veículos automóveis e tratores (m) | 2,79 | 2,19 | 1,92 | 2,08 |
| Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada (b) | 0,54 | 0,91 | 1,29 | 2,04 |
| Produtos laminados planos de ferro ou aços (m) | 1,66 | 1,56 | 1,35 | 2,01 |
| Açúcar de cana, em bruto (b) | 2,14 | 1,38 | 1,84 | 2,01 |
| Motores para veículos automóveis e suas partes (m) | 2,19 | 1,97 | 2,22 | 1,96 |
| Produtos semi-manufaturados de ferro ou aços (s) | 2,45 | 2,47 | 2,34 | 1,92 |
| Pastas químicas de madeira | 2,05 | 2,91 | 1,92 | 1,72 |
| Calçados, suas partes e componentes | 2,71 | 2,94 | 2,51 | 1,67 |
| Ferro fundido, bruto e ferro "spiegel" (ex ferro gusa) | 0,90 | 0,81 | 0,78 | 1,53 |
| Veículos de carga (m) | 1,99 | 1,26 | 0,71 | 1,42 |
| Fumo em folhas e desperdícios | 1,84 | 1,48 | 1,62 | 1,40 |
| Total dos produtos enumerados | 47,12 | 48,39 | 49,34 | 50,04 |

Legenda: (b) = básicos; (s) = semi-manufaturados; (m) = manufaturados

Fonte: SECEX/MDIC

tendência das exportações, aumentando substancialmente nos últimos cinco anos. Em 2000, o BCA registrou um superávit de cerca de US\$ 15 bilhões, que cresceu para US\$ 26 bilhões, em 2003, e US\$ 38 bilhões, em 2005. Como se pode observar no Gráfico 2, o aumento do superávit comercial agrícola deu um importante auxílio no incremento dos resultados do balanço comercial global nos últimos anos, embora o segundo tenha apresentado variações percentuais anuais maiores que o primeiro, como fica claro ao se analisar a inclinação das duas curvas a partir de 2001.

Voltando à variável-chave de nossa análise, as exportações, podemos observar de forma mais clara como se deu a dinâmica do crescimento das vendas externas de produtos do agronegócio e do total exportado nos Gráficos 3 e 4.

O total das exportações, como já relatado, apresentou uma clara tendência de crescimento durante a década de 1990, não obstante tenha havido curtos períodos nos quais ocorreu uma pequena retração nos valores exportados (nos anos de 1998 e 1999) e o crescimento médio tenha

ocorrido a taxas relativamente baixas. Ademais, cabe relatar que, como vislumbrado no Gráfico 5, observou-se no período de 1996 a 2005 uma tendência de queda relativa na participação do agronegócio no total exportado pela economia brasileira, não confirmando a hipótese levantada por alguns economistas, como Gonçalves (2003), acerca da tendência sustentada de *reprimarização* da pauta de exportações brasileiras.

A boa notícia relacionada à queda na participação relativa das exportações agrícolas no total das vendas externas é que a mesma veio a acontecer apesar do crescimento significativo das primeiras entre os anos 1996 e 2005. Ou seja, a queda na participação percentual das vendas externas do agronegócio no total das exportações brasileiras se deveu ao crescimento maior das últimas (10,4%, em média anual do período em questão) em relação às primeiras (8,2%, em média anual), como pode ser observado nos Gráfico 3 e 4, apresentados anteriormente.

As transformações ocorridas no setor agropecuário

Gráfico 1
Exportações, importações e
balança comercial do agronegócio
 Em US\$ bilhões

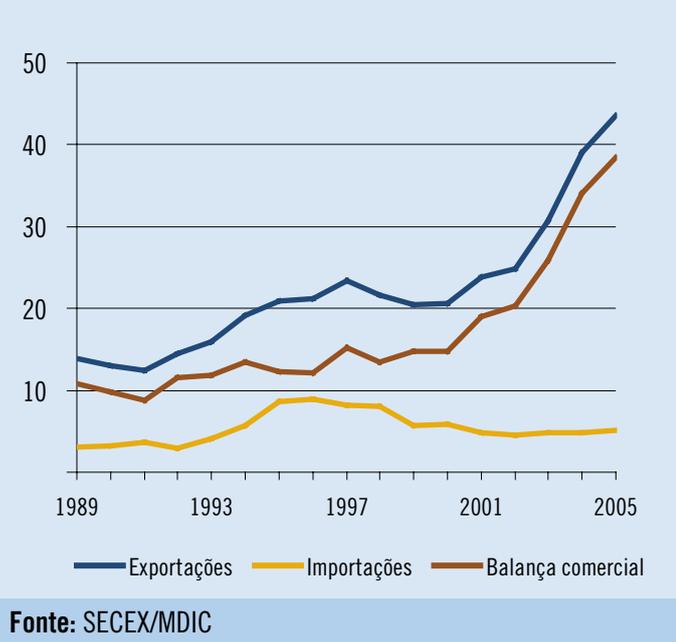
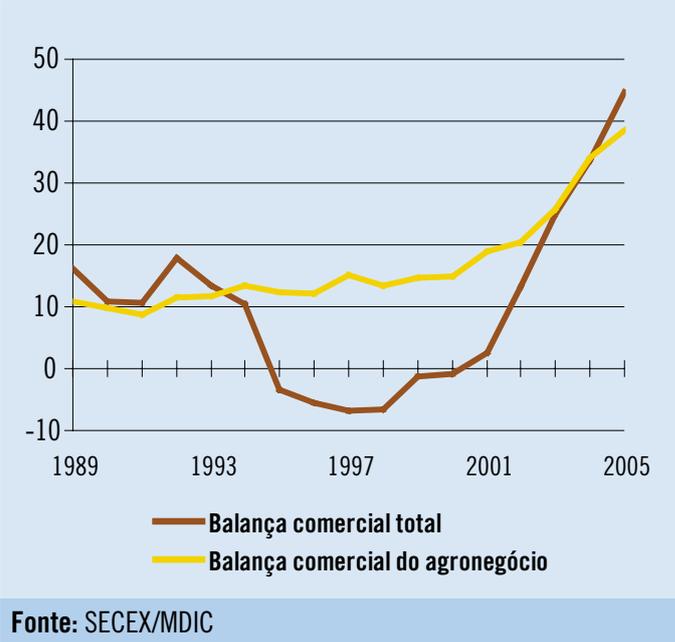


Gráfico 2
Balança comercial brasileira: total
e do agronegócio
 Em US\$ bilhões



brasileiro na década de 1990, que acabaram por fomentar as exportações do setor, levaram o Brasil a ter uma participação crescente no comércio agrícola internacional. Como evidenciado no Gráfico 6, ocorreu uma elevação não desprezível na participação percentual das exportações agrícolas brasileiras no total das exportações agrícolas mundiais, passando de cerca de 2%, em 1991, para 3%, em 1999. Com a aceleração das taxas de crescimento das exportações agrícolas a partir de 2001, o percentual de participação brasileiro no comércio agrícola mundial também subiu, chegando ao patamar de 4% em 2004, o que denota o aumento da competitividade internacional agrícola brasileira. É interessante notar que a trajetória ascendente da participação das exportações brasileira do agronegócio no total mundial destoa da relativa estabilidade da participação do total das exportações do país sobre as exportações mundiais totais, que vem girando em torno de 1% desde o início dos anos 1990.

Diante do quadro de sensível melhora nos resultados das exportações agrícolas brasileiras, resultante do crescimento da produtividade do setor e do conseqüente aumento da competitividade internacional do mesmo, somado ao crescimento significativo da demanda internacional por produtos agrícolas, com grande participação chinesa no processo, torna-se necessário vislumbrar como a pauta de exportações tem sido composta, identificando-se a importância dos principais produtos nela inseridos para a participação do Brasil no comércio mundial.

O Quadro 5 nos traz os dez principais produtos da pauta de exportações do agronegócio brasileiro, juntamente com algumas importantes estatísticas selecionadas sobre

os mesmos, como valores exportados, participação no total do comércio mundial e as taxas de crescimento anual médio dos preços, quantidades e valores de 1996 a 2005.

Ao analisar o Quadro 5, observa-se o complexo soja na liderança das exportações agrícolas brasileiras. Em 2005, em torno de US\$ 9,5 bilhões em produtos do complexo soja foram exportados, o que representa 38% das expor-

Gráfico 3
Exportações brasileiras:
total e do agronegócio
 Em US\$ bilhões

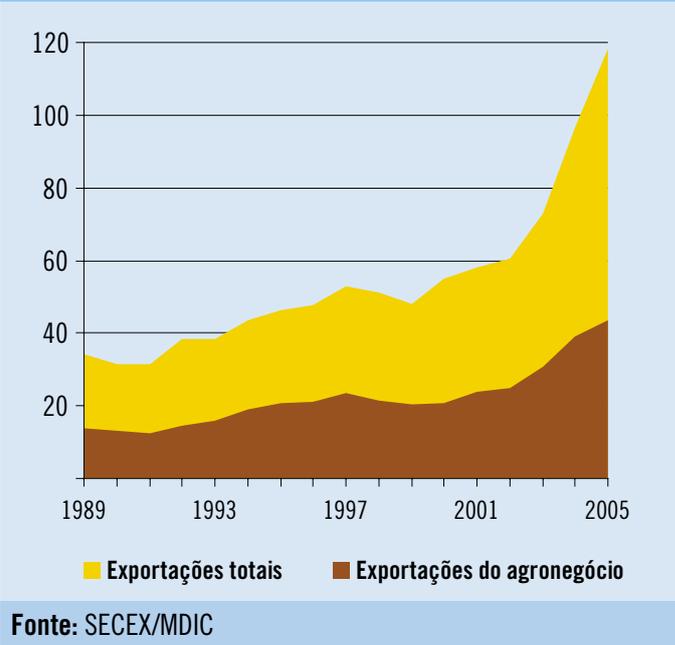
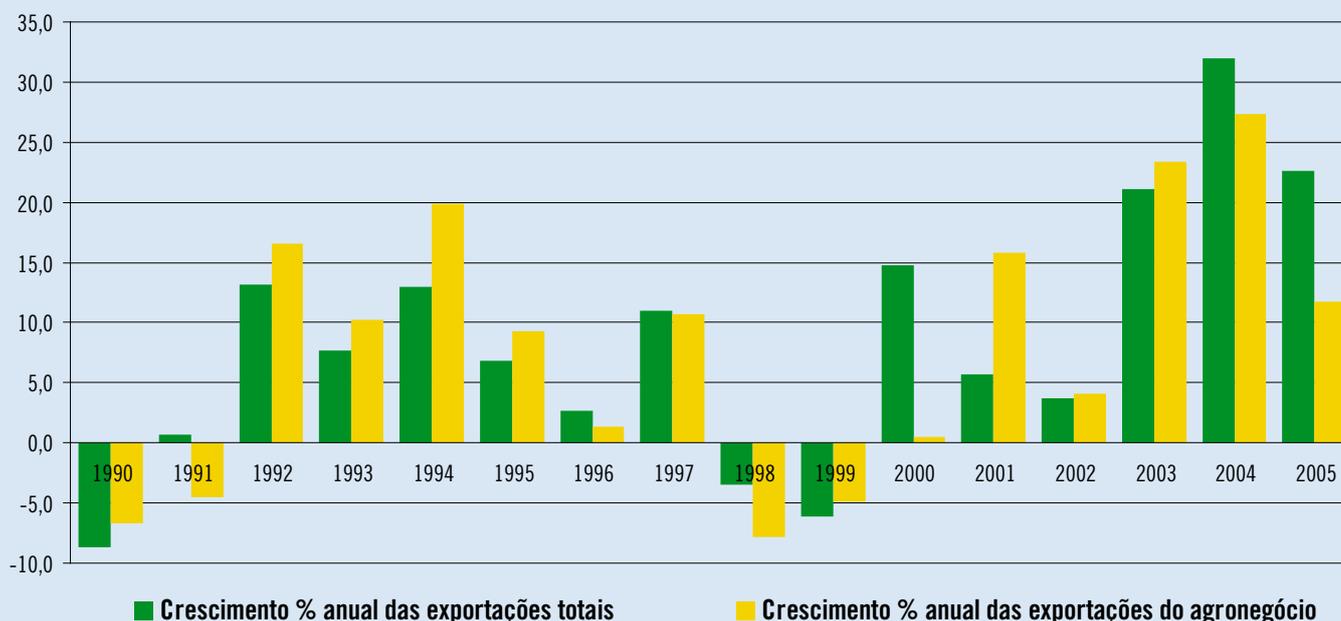


Gráfico 4 Exportações brasileiras, 1989-2005 Em US\$ bilhões



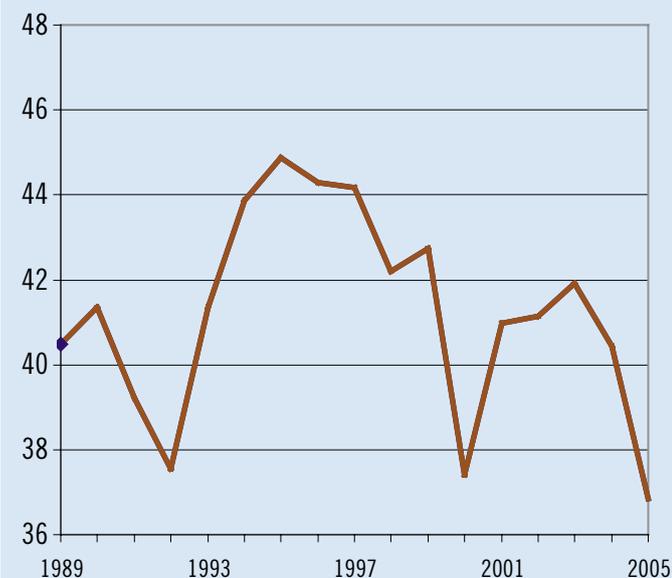
Fonte: SECEX/MDIC

tações mundiais de tais produtos, colocando o Brasil em segundo lugar no ranking mundial, atrás apenas dos EUA. Vale também frisar que, na média de 1996 a 2005, as exportações do complexo soja foram impulsionadas fundamentalmente pelo aumento do *quantum* exportado, que variou à taxa média de 10% ao ano, sendo que os preços apresentaram um crescimento médio nulo no período em

questão.

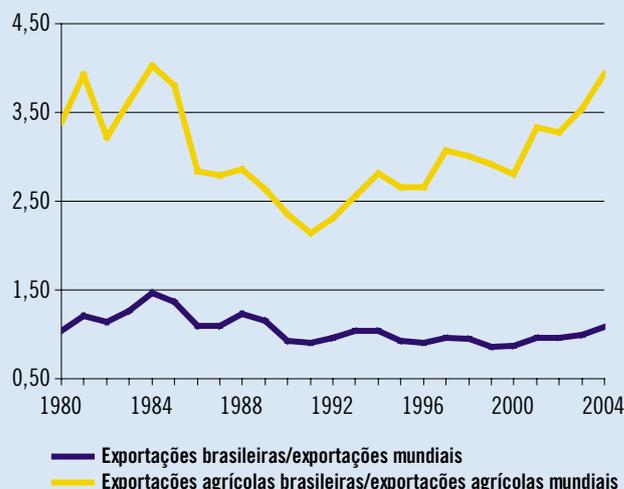
Atentando-se ao complexo carnes, o total exportado pelo mesmo alcançou a cifra de US\$ 7,7 bilhões. Mesmo com uma queda na média anual de crescimento dos preços do frango de 3% entre 1996 e 2005, o valor do total exportado elevou-se, em média, cerca de 17% ao ano, no período em análise, devido a um aumento médio de 21%

Gráfico 5 Participação das exportações agrícolas brasileiras no total Em % do total de exportações



Fonte: SECEX/MDIC

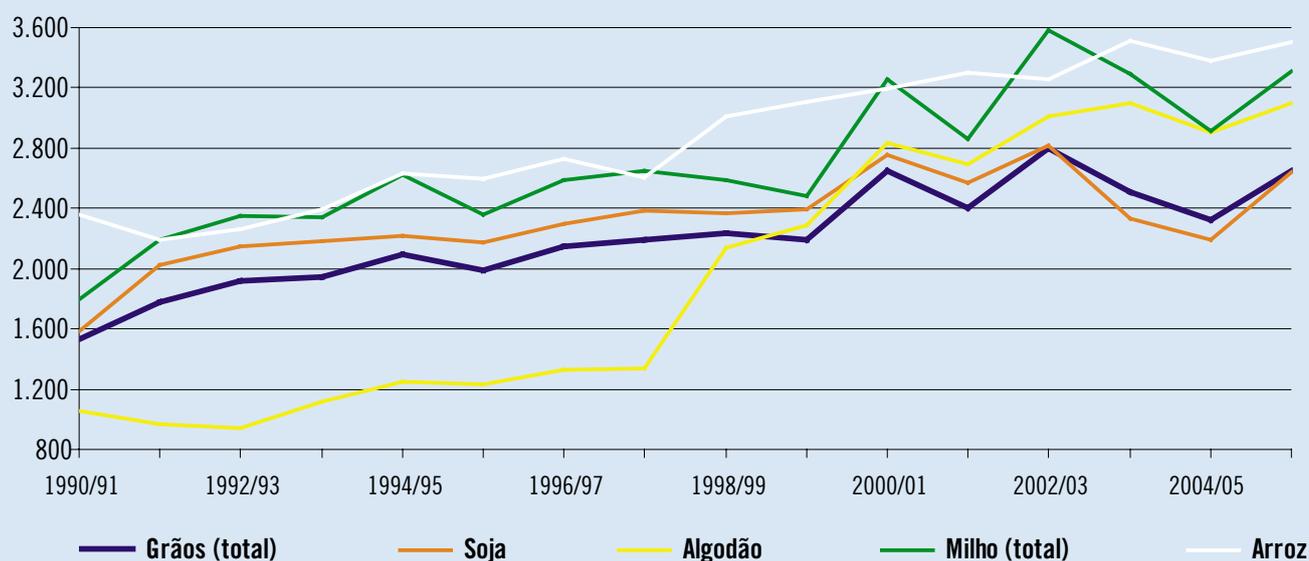
Gráfico 6 Participação das exportações brasileiras no total mundial Em % do total mundial



Fonte: SECEX/MDIC e OMC

Gráfico 7 Produtividade anual média de grãos, 1990/91 a 2005/06

Em kg/ha



Fonte: Conab

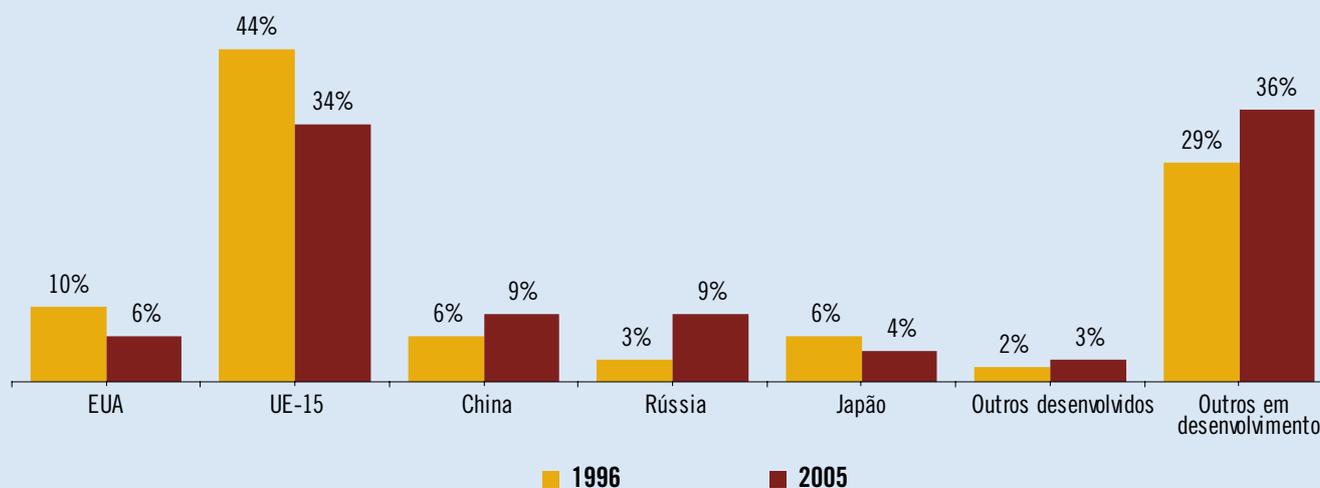
ao ano da quantidade exportada. A mesma tendência foi verificada para carne bovina e suína, tendo em vista que os preços sofreram uma queda anual média de 5% e 3%, respectivamente, e as quantidades cresceram 31% e 32% ao ano, também respectivamente, no período de 1996 a 2005, o que resultou num incremento do valor anual médio exportado de 24% para carne bovina e de 28% para a suína.

Em relação aos demais produtos, vale destacar o crescimento anual médio do *quantum* exportado de algodão de 105%, entre 1996 e 2005, não obstante o país represente somente 5% do mercado mundial do produto, e a surpreendente participação brasileira no mercado mundial de suco

de laranja de 82%. Ademais, cabe relatar o relativamente baixo crescimento anual médio do *quantum* exportado de café (7%) e fumo (9%) que, em conjunto com uma queda anual média de 9% nos preços de ambos os produtos, acabou por levar a uma diminuição média anual do valor exportado de tais produtos, sendo de 3% para o café e de 1% no caso do fumo. A variação média anual do *quantum* total exportado pelo agronegócio, entre os anos de 1996 e 2005, ficou em 13%. Contudo, com o decréscimo anual médio de 4% nos preços dos produtos agrícolas exportados, o valor das exportações cresceu, em média, 8% ao ano no período em questão.

Gráfico 8 Participação dos parceiros nas exportações do agronegócio brasileiro

Em % do total das exportações



Fonte: SECEX/MDIC

Quadro 5

Pauta de exportação do agronegócio: estatísticas selecionadas

| Produtos | Exportações 2005 (em US\$ milhões) | Exportações Brasil/Mundo | Taxa média anual de crescimento (1996-2005) | | | |
|-----------------|---------------------------------------|--------------------------|---|------------|------------|-----------|
| Complexo soja | 9.476 | 38% | 2 | 0% | 10% | 10% |
| Açúcar/etanol | 4.699 | 29% | 1 | -4% | 13% | 9% |
| Frango | 3.509 | 29% | 1 | -3% | 21% | 17% |
| Carne bovina | 3.014 | 20% | 1 | -5% | 31% | 24% |
| Café | 2.919 | 29% | 1 | -9% | 7% | -3% |
| Fumo | 1.707 | 23% | 1 | -9% | 9% | -1% |
| Carne suína | 1.163 | 16% | 4 | -3% | 32% | 28% |
| Suco de laranja | 1.110 | 82% | 1 | -7% | 5% | -2% |
| Algodão | 457 | 5% | 4 | -1% | 105% | 102% |
| Frutas | 387 | — | — | 0% | 15% | 15% |
| Outros | 3.212 | 10% | — | -1% | 13% | 12% |
| Total | 31.653 | 4% | 3 | -4% | 13% | 8% |

Fonte: SECEX/MDIC

Nos nove produtos citados para os quais existem informações sobre o ranking mundial, o Brasil aparece como líder das exportações mundiais em seis deles: açúcar e etanol, frango, carne bovina, café, fumo e suco de laranja, sendo o segundo maior exportador dos produtos do complexo soja e o quarto de algodão e carne suína. O total exportado pelo agronegócio em 2005 foi de US\$ 31,7 bilhões de dólares, representando 4% das exportações mundiais, o que coloca o país como no terceiro lugar do ranking mundial dos maiores exportadores agrícolas.

Os bons resultados das exportações agrícolas brasileiras de grãos, além de influenciados por um aumento da demanda mundial por *commodities* nos últimos anos, estão claramente relacionados ao incremento, nada desprezível, da produtividade brasileira de grãos ao longo da última década e meia, como pode ser observado no Gráfico 7.

Vale aqui ressaltar o substancial incremento da produtividade anual média do algodão ao longo do período em análise, passando de cerca de 1000 kg/ha, na safra 1990/91, para o patamar acima de 3000 kg/ha, nas previsões para a safra 2005/06. O arroz também vem apresentando um crescimento sustentado da produtividade com eventuais quedas, porém menores do que aquelas observadas com os demais grãos. Já a soja, carro-chefe das exportações agrícolas, não obstante tenha sofrido uma diminuição da produtividade média anual nas duas últimas safras, deve recuperar o ritmo de crescimento da produtividade na safra 2005/06, segundo as previsões da Conab.

No que concerne ao destino das exportações agrícolas brasileiras, como se pode ver no Gráfico 8, vem ocorrendo uma redução da participação relativa dos mercados mais

avançados como destino das exportações agrícolas brasileiras. A União Européia, que recebia 44% do total das vendas externas do agronegócio em 1996, teve sua participação reduzida em 11 p.p. para 33% em 2005. Os EUA, por sua vez, eram destino para 10% das exportações agrícolas brasileiras, em 1996, e passaram a receber 6% das mesmas em 2005. Já com relação ao Japão como destino das vendas do agronegócio do Brasil, sua participação caiu de 6%, em 1996, para 4%, em 2005.

Por outro lado, os mercados das economias emergentes têm crescido bastante como destino das exportações agrícolas brasileiras. A China aumentou de 6%, em 1996, para 9%, em 2005, sua participação como destino das vendas externas agrícolas do Brasil, enquanto a Rússia saltou de 3% para 9% no mesmo período. Se forem considerados os todos os países em desenvolvimento, os mesmos, que eram destino para 38% das exportações do agronegócio do Brasil em 1996, passaram a comprar acerca de 54% do total agrícola exportado em 2005. Ademais, vale frisar que, de 2000 a 2005, o crescimento anual médio das exportações agrícolas com destino aos países em desenvolvimento foi de 28%, enquanto as exportações com destino aos países desenvolvidos obtiveram incremento de apenas 14%, reforçando a tendência de aumento da participação relativa dos países em desenvolvimento como destino para as exportações do agronegócio brasileiro.

Todo o cenário de crescimento das exportações agrícolas do Brasil apresentado na presente seção tomou forma malgrado a existência de importantes barreiras às exportações brasileiras, principalmente nas principais potências econômicas mundiais. Muitos dos principais produtos de

exportação do agronegócio brasileiro encontram empecilhos dos mais diversos tipos (como quotas, escalada e picos tarifários, barreiras sanitárias e fitossanitárias, subsídios, etc.) para adentrar nos mercados norte-americano, europeu e japonês, por exemplo.¹

Considerações Finais

Para finalizar, cabe apresentar, ainda que superficialmente, alguns números que atestam o potencial de crescimento da agropecuária brasileira. Somente em 30% dos 851 milhões de hectares que conformam o território brasileiro existe atividade agropecuária. Em cerca de 40 milhões de hectares, 5% do território nacional, são produzidos 120 milhões de toneladas de grãos e a maior parte dos produtos agrícolas. Além disso, cana, café, laranja e outras culturas permanentes são produzidas em 20 milhões de hectares.

Em 596 milhões de hectares, 70% do território brasileiro, não há atividade agropecuária, área que inclui cidades, estradas, represas, rios, o Pantanal, a Amazônia, reservas indígenas e florestais. No entanto, estão também englobados nessa área cerca de 106 milhões de hectares de terras férteis a serem exploradas, localizadas fundamentalmente no cerrado brasileiro. O potencial da reserva de 106 milhões de hectares de terras férteis disponíveis é simplesmente impressionante e promissor. Para se ter uma idéia do significado os milhões de hectares que podem ser incorporados à fronteira agrícola brasileira nos próximos anos, vale lembrar que toda a produção de grãos dos EUA, que é o maior produtor mundial de alimentos, é realizada em cerca de 140 milhões de hectares. As expectativas dos mais variados organismos econômicos mundiais convergem acerca da idéia do Brasil vir a ser, em uma década, a maior potência agrícola mundial. A velha frase: “Brasil, o celeiro do mundo”, nunca foi tão hodierna.

Nota

¹ Para uma análise detalhada sobre as barreiras a produtos e restrições a serviços brasileiros no mercado dos Estados Unidos, ver o estudo da Embaixada do Brasil em Washington (2006).

Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O Brasil como sócio menor da globalização: insuficiente interdependência econômica e pequena participação comercial. **Revista de economia e relações internacionais**. v. 1. n. 2, p. 05-17. jan.-jun. 2003.

EMBAIXADA DO BRASIL EM WASHINGTON D.C. **Barreiras a produtos e restrições a serviços brasileiros no mercado dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, abr. 2006. 24 p. Disponível em: <www.funcex.com.br/estudos.asp>. Acesso em: 02 out. 2006.

GONÇALVES, Reinaldo. **Economia política internacional: fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 319 p.

_____. **O Brasil e o comércio internacional: transformações e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 149 p.